

Empresários rejeitam hipótese

Um "golpe" na dívida pública (expressa grande parte em Letras do Banco Central) seria "insensato" segundo alguns economistas, "uma loucura" na opinião de empresários e "a solução errada para um problema político", segundo políticos do PMDB. Foi assim que empresários, economistas e políticos reagiram ontem ao alerta do presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Eduardo da Rocha Azevedo, de que o governo estaria pensando em aplicar um deságio sobre 10% da dívida interna.

— Prefiro nem pensar nesta hipótese, comentou o diretor-presidente da Volvo do Brasil, Karlos Richbiter, ex-ministro da Fazenda. Ele admitiu que a Volvo e muitas outras empresas brasileiras estão com grande parte do capital de giro aplicado no *open-market* e seria uma verdadeira catástrofe se o governo resolvesse dar um calote em parte da dívida interna. Ivan Botelho, presidente do grupo Cataguazes-Leopoldina concorda. "O passo seguinte seria a privatização dos bancos", advertiu.

Em coro com os empresários estão economistas de tendência mais moderada. Mário Henrique Simonsen, ex-ministro da Fazenda, alertou que o governo acabaria com a credibilidade do título LBC, e não conseguiria mais achar compradores para este papel. Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor da área externa do Banco Central, lembrou ainda que tomar uma parte da dívida interna colocaria o próprio governo num beco sem saída. "Muitas

empresas estatais estão com seus recursos de capital de giro aplicados no *open*", observou.

César Maia, deputado federal (PDT-RJ) e ex-secretário de Fazenda do Governo Brizola, acredita que em pouco tempo o governo irá decretar a moratória interna, mas não através das LBCs. "Acredito que será uma outra saída, como a prefixação da correção monetária, muito parecido com o que o Simonsen e o Delfim tentaram anteriormente", revelou.

☐ **Papéis LBCs (Letras do Banco Central)** que tinham sido adquiridos no leilão de terça-feira com rendimento (deságio) de 0,64% eram ofertados ontem com taxas de 0,75%, o que representa um prejuízo direto na operação. O mercado financeiro também apresentou um aumento sensível nos depósitos à vista do sistema bancário. Segundo uma fonte credenciada no mercado paulista, esse fenômeno alimentado por rumores de que o governo prepararia uma moratória interna poderia também ser atribuído às ameaças de novas greves do Banco do Brasil, que poderiam acarretar problemas à compensação entre os bancos.

Na prática, a tese de moratória da dívida interna vem sendo recebida por alguns economistas como sinônimo de desorganização da economia. A partir daí seria gerado, segundo eles, um processo de "calotes" incontrolável que atingiriam desde os governos estaduais e municipais, afetando possivelmente até o público da caderneta de poupança.

Editorial O País dos Caloteiros